



Fusão do Unibanco e do Itaú gera incertezas para funcionários e clientes

As diretorias do Unibanco e do Itaú anunciaram nesta segunda-feira (3) a fusão entre as duas instituições. A decisão que cria a Itaú Unibanco Holding Financeira – um conglomerado que se situará entre os 20 maiores bancos do mundo e o maior do hemisfério sul – é mais uma evidência da preocupante concentração financeira no setor bancário. A falta de garantia de que não haverá demissões e fechamento de agências e setores internos leva os trabalhadores bancários e clientela do Unibanco e do Itaú a um momento de incerteza.

A fusão ainda terá que ser aprovada pelo Banco Central e por órgãos reguladores como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Ao que tudo indica, não encontrará nenhuma dificuldade nesse sentido. Em declaração ao site do jornal Folha de São Paulo, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, reconheceu que a fusão vai aumentar a concentração do sistema financeiro nacional, mas não acha que esse seja um fator negativo. “Vai mudar um pouco, mas não muito, porque ele já é um setor concentrado”, afirmou o ministro.

Segundo Idelmar Casagrande, diretor de imprensa do Sindicato dos Bancários/ES e funcionário

do Unibanco, a conformidade do ministro aponta para uma conclusão alarmante. “O Governo Lula, mais uma vez, corrobora com os banqueiros e negligencia a população, esquecendo qual é o papel de um governo que se diz democrático popular”.

Na avaliação de Idelmar, a concentração bancária penaliza toda a sociedade, tanto funcionários como clientes. “Além da elevação das tarifas e juros, as fusões, historicamente, levam à diminuição de centrais de atendimento e à demissão de funcionários dos bancos. Exemplo disso é o processo de absorção do Banco Real pelo Santander”, afirma Casagrande. Ainda em fase de conclusão do acordo, os dois bancos já demitiram em 2008 um total de 46 bancários no Espírito Santo, isto é, 13% dos empregados do Santander e do Real no Estado. Essas demissões contradizem as declarações de Fábio Barbosa, presidente do Santander no Brasil, que afirmava que não haveria demissões. Daí a preocupação dos bancários em relação a essa nova fusão.

“O governo, através do Banco Central e do Cade, deveria, no mínimo, exigir garantias de que não haverá demissões e fechamento de agências e setores internos”, conclui Idelmar Casagrande.